

Cantar a Revolução (Samuel Quedas)

Há uns meses, numa pequena tertúlia à volta do tema das canções de Abril, respondendo a uma pergunta de um jovem que queria saber se eu pensava, tal como cantou o José Mário Branco, que “A cantiga (ainda) é uma arma”... resolvi responder com uma frase recorrente do José Afonso, tirada directamente da sua veia anárquica:

“Isto não vai lá com cantigas, pá!”

Claro que o Zeca sabia muito bem que esta pequena provocação tinha exactamente o efeito contrário. Parecendo querer desvalorizar “as cantigas” como arma da nossa luta colectiva contra o fascismo e o obscurantismo, estava a acender o rasilho das conversas onde se descobria que, muitas vezes, aquela curta mensagem de dois ou três minutos, servida por uma melodia simples, fazia mais para juntar pessoas que, tantas vezes, andavam divididas... ora por razões ideológicas, ora por dificuldade, fora destes encontros, frequentarem os mesmos lugares, separados que estavam (e ainda vão estando!) os universos do dia-a-dia dos operários, dos estudantes, dos camponeses, dos intelectuais e artistas... .. uma simples “cantiga” fazia mais pela unidade, como dizia... do que alguns discursos.

A canção de protesto, nome que a música a que hoje chamamos genericamente, “música de intervenção” usava antes de Abril, juntava gente diferente num mesmo espaço físico, produzindo uma espécie de entroncamento de sonhos, numa alquimia que, logo mais, faria verdadeiros milagres, quando se tratasse de discutir os problemas do país, da Guerra Colonial, do fim do regime, da liberdade... da Revolução.

Uma delas, viria mesmo a servir, simbolicamente, para pôr em marcha a Revolução.

Nessa pequena tertúlia, neste mais recente 25 de Abril, o efeito não foi diferente. Passados alguns minutos, mulheres e homens, jovens e menos jovens que, muito provavelmente, tinham pensado sair um pouco à noite para ouvir simplesmente umas cantigas e voltar para casa... ali estavam discutindo, dando opiniões, defendendo-as, querendo saber mais, querendo ouvir histórias daquele tempo em que começámos a Cantar a Revolução e em que condições o fizemos.

Lá, como agora e aqui... achei por bem recorrer, como que numa espécie de nova introdução, aos versos de um poeta que, por esses tempos acertava muito nos versos que escrevia, mas (dependendo da perspectiva de cada um) já então acertava menos nos passos que dava fora da poesia, versos que vinham gravados, como que a fogo, num dos livros cuja leitura, ou as canções que de lá saíram, me faziam sempre arrepiar. Neste caso, “Apresentação”, do histórico livro “Praça da Canção”, de Manuel Alegre.

Cantar a Revolução
(Samuel Quedas)

Apresentação

Cantar não é talvez suficiente.
Não porque não acendam de repente as noites
tuas palavras irmãs do fogo
mas só porque as palavras são
apenas chama e vento.
E contudo canção
só cantando por vezes se resiste
**só cantando se pode incomodar
quem à vileza do silêncio nos obriga.**

Eu venho incomodar.
Trago palavras como bofetadas
e é inútil mandarem-me calar
porque a minha canção não fica no papel.
Eu venho tocar os sinos.
Planto espadas
e transformo destinos.
Os homens ouvem-me cantar
e a pele
dos homens fica arrepiada.
E depois é madrugada
dentro dos homens onde ponho
uma espingarda e um sonho.

E é inútil mandarem-me calar.
De certo modo sou um guerrilheiro
que traz a tiracolo
uma espingarda carregada de poemas
ou se preferem sou um marinheiro
que traz o mar ao colo
e meteu um navio pela terra dentro
e pendurou depois no vento
uma canção.

Já disse: planto espadas
e transformo destinos.
E para isso basta-me tocar os sinos
que cada homem tem no coração.

Cantar a Revolução (Samuel Quedas)

Estávamos nos anos 60, mais propriamente em 1965, ano em que saiu este livro, mas o desassossego nas canções já vinha de trás. O Adriano Correia de Oliveira já fazia ouvir a sua voz emocionante, desde 1960. O José Afonso, a caminho de se transformar no “Zeca”, já tinha, desde 1958, começado o caminho que o levaria a transformar os fados de Coimbra, transformar as baladas que ele próprio criara... transformar as nossas vidas para sempre.

Mas não foi aqui que o desassossego começou. Para sermos justos, teremos que recuar ainda mais, até aos anos 40, onde nasceram as primeiras “Heroicas” de Fernando Lopes Graça, com versos de José Gomes Ferreira, Cochofel, Carlos Oliveira, ou Armindo Rodrigues.

“Acordai” – e fomos despertando.

“Não fiques para trás ó companheiro”... e fomos metendo pés à “Jornada”.

“Amor já se aproxima a hora...” e fomos sonhando com o, então, utópico encontro de abraços e lágrimas no Largo do Carmo e fora dos portões de Caxias.

Talvez tenhamos mesmo que recuar até aos tempos em que, nas tabernas de Lisboa, se cantavam fados operários, relatando a abjecta dureza do trabalho de então... antes de os fidalgos se terem apropriado desta “curiosidade” do povo... e de, logo mais, a implacável censura salazarista ter vergado e domesticado o fado lisboeta, que levaria muitos anos até voltar a levantar a cabeça, não aceitar mais rótulos e a, finalmente, “ser poeta, mas de outra poesia”.

Entrei neste comboio tumultuoso, com percursos perigosos, mas companheiros de viagem absolutamente fantásticos, em 1972. Nessa altura, pela mão do Zeca, gravei as primeiras canções da minha lavra. Talvez por resquícios de uma formação religiosa que, entretanto, já abandonara desde a adolescência, deixei escapar numa dessas canções, em que falava de castelos que seria possível assaltar... um verso com uma toada profética que quase nenhum dos meus amigos entendia, em que dizia “Inventa em cada soldado um irmão”.

Se no dia 26 de Abril de 1974 existissem as facilidades de comunicação que temos hoje, teria enviado dezenas de “mails” e “sms” com um simples “EU NÃO DIZIA?!”, seguido de um abraço. A canção tinha passado, em 1972, na Emissora Nacional. Uma vez! E o disco foi proibido. Curiosamente, muitos radialistas de então, lembravam-se daquele verso misterioso... e, depois do dia 25 de abril, passavam-no quase de hora a hora.

Cantar a Revolução (Samuel Quedas)

E aqui chegamos às nossas canções que tocavam muito... mas que não conquistaram o lugar que mereciam. Não soubemos ocupá-lo! Estávamos ocupados, a tempo inteiro, a fazer a banda sonora dessa “madrugada que esperávamos... o dia inicial inteiro e limpo” que de que falou Sophia de Mello Breyner.

O resto é História recente. Fizemos o pleno das cooperativas e UCP do Alentejo e Ribatejo. Cantámos com Vasco Gonçalves. Ensaíamos uma muralha de aço que não aconteceu. Cantámos com Catarina uma Reforma Agrária há tanto tempo sonhada. Cantámos a nacionalização de tudo o que não tinha lugar nas mãos da grande burguesia. Cantámos a descolonização. Fomos solidários com os povos de todo o mundo. Fizemos espectáculos em quartéis, em fábricas, em praças, em pequenas colectividades, comícios, sessões de esclarecimento político, campanhas de dinamização cultural e alfabetização. Tivemos tractores e incontáveis ambulâncias onde podiam ver-se as marcas da nossa voz voluntária. Tivemos banhos de multidão na Festa do Avante.

O resto é História ainda mais recente. Muitos de nós mudaram de campo e de canções. Outros, deixaram simplesmente de cantar. Outros ainda, aqueles que tanta falta fazem e, estou certo, não teriam deixado de cantar e muito menos “mudado de canções”... morreram.

Fica a satisfação de, todos os dias, ver aparecer um maior número de gente jovem que quer saber como foi... e que, com essa informação, molda e tempera aquilo que quer escrever e cantar. À sua maneira, com as suas novas realidades, com o som da sua geração.

Fica a satisfação de ver, todos os dias, crescer o número de pessoas que querem voltar a falar da canção inteligente – para usar a designação dos “cantautores” cubanos da Nova Trova – mas que, desta vez, parecem mais interessadas em tornar este gosto pelos cantos da Revolução e pela música inteligente em geral, num gesto mais durável. Politicamente mais envolvido e culturalmente mais esclarecido. De quem sabe que não há revolucionários sem amor... e que as grandes canções de amor podem ser revolucionárias.

Fica a certeza de que haverá sempre quem sem comprometa e cante a Revolução... essa coisa vertiginosa e bela que vai sempre à nossa frente. Um vento que empurra a História, instando-nos a não parar, a não estagnar, a ir a todo o lado cantar e dizer as palavras necessárias. Cidade a cidade, praça a praça, rua a rua. Pois, como disse o José Carlos Ary dos Santos...

*“Não há rua de sons que a palavra não corra
à procura da sombra de uma luz que não há”*

Cantar a Revolução
(Samuel Quedas)

Samuel - Lisboa, 4 de Outubro de 2014